

APRESENTAÇÃO/ EDITORIAL

Daiane Eccel

A abordagem do tema da educação no pensamento de Hannah Arendt é um campo que vem se consolidando no Brasil. As obras de Vanessa Sievers de Almeida e José Sérgio Fonseca de Carvalho assumem o protagonismo da discussão, cada vez mais presente ao longo dos anos. Trata-se de uma problemática privilegiada porque põe em debate dois campos da filosofia que estão juntos desde Platão, mas que pela pressão do engessamento acadêmico encontram-se, por vezes, forçosamente separados, a saber, a filosofia política e a filosofia da educação – ainda que não esses dois termos não estejam dados desta forma no conjunto da obra de Arendt.

O fato é que mesmo que haja por parte de Arendt uma crítica aberta a Rousseau e a tentativa de trazer para dentro da educação sua relação com a política, a abordagem arendtiana também se preocupa, em última instância, com a política, ainda que de uma forma muito singular. A preservação do mundo que se encontra ameaçado depende fortemente do papel executado pela educação, pois a ela cabe, entre outras coisas, responsabilizar-se por ele. A celeberrima frase de Arendt, responsável pelo fechamento do texto *A crise na educação*¹ denota esse aspecto: a própria existência das crianças depende da permanência do mundo velho onde estão inseridas. Como se sabe, o texto de Arendt – que não é o único em sua maturidade a lidar diretamente com as questões relativas à educação, ainda que a temática apareça difusa nos demais² - acompanha seu projeto maior de tentativa de compreensão dos regimes totalitários do século XX e de suas consequências, inserindo-se no conjunto de textos nos quais Arendt busca pensar as crises da modernidade. Ele deve ser lido, portanto, sob a ótica do conjunto, considerando que elementos centrais sob o ponto de vista da politologia da autora, aparecem ou são reforçados aqui, como é o caso do conceito de natalidade, por exemplo.

No entanto, para além da temática política por excelência que toma o *locus* central da discussão tanto no texto da própria Arendt quanto na literatura secundária, há aspectos que podem ser olhados sob o ponto de vista pedagógico – ainda que Arendt não tenha formação na área e ainda que ela tenha registrado em carta para Jaspers³, que a pedagogia não pode ser ensinada enquanto disciplina. Essa também pode ser considerada uma questão chave de leitura: por um lado, Arendt delimita a questão pedagógica porque a associa diretamente com o ensino de conteúdos e com o espaço da escola, conforme aparece em *A crise na educação*. Por outro, ela entende a formação humana como para além das questões pedagógicas *stricto sensu*, como aparece na problemática da autoridade, no conceito de infância, que é possível extrair do texto em questão, assim como o papel da tradição na conservação do mundo. Para além disso e para não nos mantermos apenas no íterim do texto de 1958, importa notar os escritos de juventude de Arendt, do início da década de 30, como a resenha sobre o trabalho do pedagogo alemão Hans Weil, *Entstehung der Bildungs Deutscher Prinzip*, assim como *O iluminismo e a questão judaica*. Neles aparece a apreciação arendtiana sobre a questão da formação

¹ Trata-se de: “A educação é o ponto em que amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum” (2005, p.247)

² Há também *Considerações sobre Little Rock*, anterior à *Crise na educação*, assim como *Crise na cultura: sua importância social e política*.

³ Carta de 16 de julho de 1948.

humana. O mesmo princípio se aplica à própria obra de Arendt sobre Rahel Varnhagen, que não trata de questões pedagógicas estritas, mas lida com um conceito mais amplo de formação, ainda despida das grandes preocupações políticas que marcam a obra da autora a partir de *Origens do Totalitarismo*.

É notável, portanto, como é possível ampliar o escopo dos temas educacionais e formativos no pensamento de Arendt, apesar da sua não sistematicidade a respeito da temática. O quadro conceitual derivado de todos os escritos nos permite, mas sobretudo nos convida e nos põe como tarefa, pensar elementos da educação contemporânea a partir de Arendt. É neste sentido que o presente dossiê promovido pelo *Cadernos Arendt* – que vem incitando publicações de alta qualidade desde janeiro de 2020 – deve atuar. O leitor e a leitora devem encontrar análises e ferramentas conceituais capazes de mostrar como o pensamento da autora é rico em elementos voltados à reflexão sobre as questões educacionais contemporâneas. Neste sentido, o texto de Mordechai Gordon, que abre este dossiê, é provocativo e instiga à indagação: Por que os filósofos da educação devem voltar a ler Hannah Arendt? O autor endossa sua posição a partir de quatro argumentos que justificam a necessidade de uma constante frequência à obra arendtiana sob o ponto de vista de uma filosofia da educação que se ocupa com o mundo. Vanessa Sievers de Almeida exercita tal volta ao texto arendtiano com maestria ao optar pela revisitação de um clássico: *Considerações sobre Little Rock*. A autora não somente retoma os aspectos históricos mais importantes em torno do polêmico texto, mas o aborda também a partir de quatro perspectivas. José Sérgio Fonseca de Carvalho e Thiago Moreira voltam seus olhares para a escola, aquela que constitui um espaço privilegiado em Arendt enquanto instituição e dentro da qual é exercido um papel bastante específico exercido pelos educadores que ali atuam. Trata-se, então, da ideia de “forma-escola”. Danilo A. Briskievicz segue considerando este *locus* escolar, mas agora sob o ponto de vista das novas políticas-públicas reformadoras do Ensino Médio. Ao fazê-lo, exerce uma tarefa contemporânea por excelência: a de pensar a crise de seu próprio tempo a partir das ferramentas conceituais previamente dadas. Por último, Daiane Eccel escolhe pensar a educação em Arendt menos em torno de um espaço e mais em torno da figura do mestre, o próprio mestre de Arendt, Karl Jaspers e seu conceito de comunicação como potencial formativo.

Após a apreciação do conjunto, espera-se que o olhar para o âmbito educacional via pensamento de Hannah Arendt possa atingir dois objetivos: o primeiro é o da própria frequência constante e visitação aos textos arendtianos sobre a temática proposta por este dossiê – seja em sua perspectiva mais delimitada ou mais ampla, seja nos textos considerados clássicos da autora ou em textos de outras fases; o segundo é que o leitor e a leitora se sintam instigados à prática do exercício mais cotidiano à Arendt: compreender seu tempo e, neste caso, compreendê-lo considerando a temática pedagógico-formativa e sua relação com o mundo a ser conservado.